

Editorial

Ciência e Comunicação da Ciência

Bernard Shaw, com sua conhecida e fina ironia, própria de quem sabe fazer boas distinções pelo gosto sutil de bem construí-las para melhor desmanchá-las, disse que a diferença entre o generalista e o especialista está em que o primeiro tende a saber cada vez menos sobre mais, até saber nada sobre tudo, enquanto que o segundo inclina-se a saber cada vez mais sobre menos, até saber tudo sobre nada.

O dilema do divulgador da ciência, um generalista, por definição é, desse modo, com sinal invertido, o mesmo do cientista, um especialista por imposição: ambos padecem, no limite, do mesmo mal, qual seja o de sofrer para comunicar-se, na justa medida, com a sociedade que dá razão de ser à ciência, para a qual a ciência é feita, e na qual brotam, ou não, as condições econômicas, políticas e culturais para que a ciência se faça.

E para que ela se faça é preciso, antes de tudo, que ela seja compreendida.

Daí a importância do papel do jornalismo e da divulgação científica não apenas para suprir o eventual déficit de informação do público em relação à ciência, mas sobretudo como contribuição para formar e desenvolver um espírito crítico capaz de compreender e, compreendendo, avaliar em si e por si mesmos os fatos e os acontecimentos científicos, sua pertinência epistemológica, seus riscos e sua relevância ética e social.

No Brasil, embora a história da divulgação científica e do ensino para a ciência tenha começado mais tardiamente, já se pode reconhecer um movimento cada vez mais forte e mais visível no sentido de organizar atividades em fóruns institucionais, até há pouco inexistentes.

É o que vem ocorrendo com a criação de cursos de pós-graduação em jornalismo científico, com a implantação e o funcionamento de museus interativos de ciência, com a realização de feiras e eventos científicos, com a publicação, em diferentes linhas editoriais, de revistas de difusão, de divulgação e de popularização da ciência, como é o caso, entre outras, da [Pesquisa Fapesp](#), da [Ciência e Cultura](#), da [ComCiência](#), da *Scientific America-Brasil* e, em particular no domínio específico da riquíssima biodiversidade de nosso meio ambiente, desta belíssima *Biota Neotropica*, rica e bela como o *Programa Biota* da Fapesp, que lhe deu origem e condições de pleno desenvolvimento.

Desse modo, ao comportamento tradicional da comunicação primária da ciência, que se dá entre pares, como difusão do conhecimento e ao esforço da comunicação didática, característico do ensino da ciência, assiste-se, também no Brasil, a um movimento crescente da assim chamada comunicação secundária, entre o cientista e a sociedade, como um todo, tanto mediada pela divulgação do jornalismo quanto realizada pelo próprio cientista na forma de textos com forte embasamento conceitual e metodológico, mas escritos em linguagem sensível, metafórica e muitas vezes de alta densidade poética, quer pelo conteúdo, quer pela forma, quando não por um e por outro, ao mesmo tempo.

Nesse movimento se reconhece, sem dúvida, a *Biota Neotropica*.

Carlos Vogt

Coordenador do [LABJOR/UNICAMP](#)

Diretor de Redação do [ComCiência](#)

Presidente do Conselho Superior da FAPESP